

EDUCAÇÃO EM  
TEMPOS DE COVID-19  
- DESCRIÇÕES,  
OBSERVAÇÕES E  
QUESTÕES,  
A PARTIR DE UMA  
PERSPETIVA ALEMÃ

Dirk Oesselmann

Evangelische Hochschule Freiburg, Alemanha

---

---

**Resumo:**

Este artigo descreve em termos gerais o impacto da pandemia de Covid 19 no ensino escolar na Alemanha. Foram considerados diferentes formatos nas diferentes fases. Para além dos requisitos técnicos e logísticos, foram consideradas as consequências para o comportamento de aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:**

Covid-19. Ensino escolar. Educação digital.

---

---

---

---

**Abstract:**

This article describes in broad terms the impact of the Covid 19 pandemic on school education in Germany. Different formats came into view in the various phases. In addition to the technical and logistical requirements, the consequences for the learning behaviour of pupils were examined.

**Keywords:**

Covid-19. School education. Digital education.

---

---

# Introdução

Primeiramente, uma contextualização. Em meados de março de 2020, escolas e creches fecharam as suas portas. Em maio do mesmo ano, houve reaberturas cautelosas e, em junho, diferentes classes puderam regressar às aulas por apenas uma ou duas semanas, de forma alternada. Embora os números estejam atualmente a aumentar acentuadamente e os índices diários de novas infeções sejam muito mais elevados do que na primavera, o fecho de escolas e creches está a ser, no entanto, largamente excluído. Assim afirmam os políticos, quase que na sua totalidade.

Há duas razões para isto:

Em primeiro lugar, tornou-se evidente que muitas crianças e jovens não conseguem lidar com o ensino *online*. Sim, uma parte de alunos e alunas continuou a empenhar-se no ensino, porém outra foi completamente isolada. Não conseguiram lidar com tais formas de aprendizagem mais autodeterminadas, tinham pouco apoio na família e muitas vezes falharam por causa dos requisitos técnicos necessários. Assim, o fosso entre grupos sociais desfavorecidos e privilegiados tornou-se maior.

O segundo ponto é que há sérias razões económicas para que um passo no sentido do fecho de escolas e creches já não esteja a ser considerado: Os trabalhadores e as trabalhadoras de serviços essenciais, incluindo sectores-chave para a manutenção dos cuidados básicos, já não conseguiam cumprir as suas obrigações, porque tinham de ficar em casa para cuidar dos seus filhos e filhas.

Aqui segue uma análise um pouco mais aprofundada dos desenvolvimentos na Alemanha:

## A primeira fase (março a maio)

A primeira fase foi marcada por reações políticas que, devido a uma incerteza sobre como lidar com a propagação da pandemia, deliberaram de forma imediata mudanças fundamentais. Tal como em outros países, determinaram o encerramento radical tanto do sector da atividade pública como também da económica. Para o sector educativo, particularmente, foi o facto de as famílias terem de repensar os cuidados diários em relação aos seus filhos e às necessidades de trabalho. Tornou-se claro o quão pouco a sociedade estava preparada para tal situação. Ficou claro também que muitas famílias enfrentaram desafios extremos na conciliação do trabalho e dos cuidados

infantis. No entanto, a aceitação dessas medidas entre a população foi positiva, porque, do lado político, a necessidade das medidas foi promovida de uma forma compreensiva e sensível pelo governo.

O que significava esta situação para as escolas e como foi a atuação dos profissionais da educação na prática? Diante de tantos desafios, a primeira medida a ser adotada foi a escolha dos programas e plataformas que poderiam ser utilizados para organizar o ensino e tornar possíveis as videoconferências. Sobretudo no início, havia uma grande incerteza, especialmente no que diz respeito à proteção de dados, mas também no que diz respeito às possibilidades técnicas e à viabilidade.

Num período extremamente curto, professores e professoras tiveram que obter mais formação e acompanhamento no ensino *online*. Esta mudança foi um grande desafio, especialmente para a geração mais idosa, que pouco tinha trabalhado com tais formatos. O resultado foi uma mistura de tentativas mais ou menos bem sucedidas de criar aulas com os alunos e alunas. Além de tais dificuldades técnicas, havia as didáticas: Como o conhecimento poderia ser melhor transmitido em tais circunstâncias? Como poderiam ser criados exercícios? Como poderia o conhecimento ser averiguado?

Do ponto de vista dos alunos e alunas, estas circunstâncias também levaram a mudanças drásticas. Não há dúvida de que muitos, no início, ficaram extremamente contentes por não terem que ir para a escola. As incertezas por parte da escola e dos professores e professoras desencadearam uma reação ambivalente: por um lado, havia irritação e interpelações excessivas, quando as tarefas não eram claramente definidas ou eram demasiadamente extensas, ao mesmo tempo que existiam poucas oportunidades para fazer perguntas diretas. Por outro lado, houve também um certo sossego, quando os alunos e alunas notaram que todo o sistema estava em fase experimental, o que tornava os envolvidos de ambos os lados muito inseguros. As regras e os mecanismos de pressão foram rapidamente suavizados, o que criou uma atmosfera de aprendizagem fortemente alterada: muitas coisas já não podiam ser avaliadas como antes - os professores e professoras tinham de confiar mais no voluntarismo e na cooperação. No final, foi decidido que nenhum aluno e aluna poderia repetir o ano escolar. Mas tornou-se também claro como o comportamento de aprendizagem dos alunos e alunas foi moldado fundamentalmente por tais mecanismos de pressão: alguns ficaram aliviados e pude-

ram aprender mais livremente e prosseguir com as suas questões; outros não fizeram quase nada, porque não havia uma avaliação por notas.

É também dramático que, em maior grau, as condições domésticas se tenham tornado o fator decisivo para o sucesso da aprendizagem. Condições tais como ter o seu próprio computador, boa rede de *internet*, um local tranquilo para estudar, tudo isto não é algo fácil para muitas famílias. Especialmente nesta primeira fase, em que os encontros fora de casa - incluindo com amigos da escola - foram limitados, o apoio dos pais tornou-se um fator decisivo para o sucesso na aprendizagem. No entanto, crianças de famílias cujos pais têm um baixo nível de educação ou têm um passado de migração foram extremamente desfavorecidas. Estes dois aspetos mostram como as diferenças sociais desempenharam um papel na formação, sob estas condições alteradas da pandemia. Aqueles que já estavam em desvantagem foram, de facto, deixados para trás, em muitos aspetos.

### **A segunda fase (Junho a Julho)**

A segunda fase caracterizou-se por uma flexibilização gradual das restrições e pelo final do ano letivo. Sujeitas a regras rigorosas de higiene e distância, diferentes classes eram autorizadas a frequentar semanalmente a escola. Foi uma tentativa de proporcionar um retorno à normalidade, mas isto dificilmente podia ser coordenado didaticamente com o processo de aprendizagem. O efeito positivo deste tempo foi que alunos e alunas puderam reunir-se e aproximar-se novamente, mesmo que havendo orientações para não se encontrarem em grupos maiores. Observou-se, no entanto, que essas regras se restringiam ao espaço interno da escola, mas, para fora dela, estas regras tornaram-se cada vez mais diluídas. Os jovens voltaram a encontrar-se sem reservas em grupos maiores.

Os exames das aulas finais constituíram um desafio especial. Muitos deles foram programados já em abril (isso varia de Estado para Estado, na Alemanha), porém foram inicialmente adiados e depois executados em conformidade com as regras de distância e higiene. O ano letivo terminou então sem muita celebração de despedida, para aqueles que concluíram a escola. Esta (não)celebração e mais a incerteza de se poder circular livremente durante as férias de verão resultaram numa grande frustração.

### **A terceira fase (setembro a ... ?)**

Qual é a situação atual?

O objetivo é alcançar a normalidade no quadro de mui-

tas restrições. Ao mesmo tempo, levantam-se questões em todos os locais sobre como o risco e a coexistência podem ser combinados de forma apropriada.

Nas creches, as crianças permanecem apenas no seu grupo, utilizando as áreas gerais e os terrenos exteriores separadamente. Sempre que possível, são também designados diferentes pontos de acesso. Desta forma, apenas grupos limitados podem ser afetados por uma quarentena, se ocorrer uma infeção com COVID-19. Além disso, não há uma obrigatoriedade no uso de máscaras para as crianças, uma vez que alguns estudos demonstraram que há pouco potencial de transmissão por parte das mesmas. Como disse um educador de infância: „Não podemos excluir o corona, mas temos de viver com ele de alguma forma, porque também não podemos fechar.“

As escolas tiveram de se adaptar fortemente às condições alteradas: estas incluem máscaras obrigatórias, que agora também se aplicam na sala de aula (em alguns Estados), distância nos espaços fora das salas de aula e ventilação constante. Os professores e as professoras que pertencem a grupos de risco mudaram para o ensino *online*. Contudo, a alternância direta entre a presença e o ensino *online* coloca problemas logísticos para alguns alunos e alunas, até porque a maioria das escolas não está suficientemente equipada com áreas de trabalho com computadores. Nestes pontos, torna-se claro que o ensino continua a basear-se em estruturas improvisadas: Na maioria dos casos, há falta de locais de trabalho e de equipamento adequados, tais como *tablets* e ligações estáveis de *wlan*. Especialmente nas turmas dos níveis superiores, os alunos e alunas não têm espaço suficiente para passarem os seus períodos livres. Tais problemas estruturais tornam difícil chegar-se, dentro das limitações existentes, a uma atmosfera de aprendizagem de qualidade.

# Conclusão

A Covid-19 confrontou a sociedade como um todo com novos e imprevisíveis desafios. Os governos impuseram medidas que intervieram profundamente nos assuntos económicos e sociais. O sistema educativo foi privado do seu contacto direto com alunos e alunas. As instituições não estavam preparadas para esta mudança radical, não podiam estar preparadas. Muitas coisas assumiram um carácter provisório, as sanções através da avaliação foram suavizadas - incomum para uma dinâmica tão bem estruturada em tempos „normais“. Como resultado, muito do que foi retido como sinal de qualidade em circunstâncias „normais“ foi perdido: a padronização do comportamento e da aquisição de conhecimentos nas relações diretas entre profissionais da educação e alunos e alunas.

Neste contexto, porém, surgiram novas perspetivas, as quais foram impostas, um tanto forçadamente, sobre a normalidade no sistema educativo. Em primeiro lugar, vem à mente a expansão das possibilidades técnicas através do ensino *online*, o que deu a alguns dos alunos e alunas maior independência e liberdade, mas também bloqueou formas de outros participarem igualmente nas oportunidades educacionais. Ao mesmo tempo, tornou-se evidente a importância das relações diretas num processo de aprendizagem, não só devido aos possíveis mecanismos de controlo - como alguns poderão compreender - mas, sobretudo, devido à inspiração pedagógica no processo de aprendizagem, que resulta de uma penetração refletiva comum de questões.

Além disso, de uma perspetiva global, pode questionar-se o que é uma compreensão da educação predominantemente baseada em notas e sanções como motivação central da aprendizagem. A reação de muitos alunos e alunas que simplesmente se desligam do processo de aprendizagem fala uma linguagem nítida. Isto deixa claro até onde tal motivação pode levar e, ainda mais, sobre que tipo de modos de conviver está enraizado na sociedade? Se crianças e adolescentes aprenderem desde cedo que se trata apenas de tirar boas notas e evitar castigos, reagirão e agirão da mesma forma noutros contextos de vida. Seria desejável que tais considerações fundamentais pudessem também ser incorporadas no processo de aprendizagem sobre a atual situação pandémica.

---